

## **Megaleilão de energia movimentou R\$ 75 bilhões, reduz os preços, mas pode inibir futuros investimentos.**

### **Quem venceu a disputa?**

Por Elaine Cotta

A mesa está armada e os punhos posicionados. Na queda-de-braço, a ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff, enfrenta o mercado e sai cantando vitória. A disputa aconteceu na terça-feira, 7, durante o primeiro megaleilão de geração de energia realizado pelo governo, que foi considerado o grande teste do novo modelo do setor elétrico. O leilão girou R\$ 75 bilhões, menos que os R\$ 100 bilhões esperados, e supriu as distribuidoras com 17 mil megawatts que serão usados nos anos de 2005, 2006 e 2007. Para cada megawatt esperava-se um preço entre R\$ 60 e R\$ 80. Os contratos fechados fixaram taxas de R\$ 57,50 a R\$ 75,46. "Foi um sucesso", disse a ministra à DINHEIRO (leia sua entrevista abaixo). Mas sua opinião está longe de alcançar unanimidade. Para empresários e diversos analistas do setor privado, o resultado frustrou as expectativas. Prova da decepção foi a *débâcle* sofrida pelas ações da Eletrobrás, maior empresa do setor, que despencaram mais de 20% em apenas dois dias. "O preço ficou muito abaixo do esperado e isso vai prejudicar a rentabilidade das empresas", afirma o analista do banco Brascan, Carlos Martins. O presidente da estatal, Silas Rondeau, rebate: "Foi especulação", disse ele. "Os investidores provocaram uma bolha, que estorou logo após o leilão"

No meio da polêmica, quem pode sair ganhando é o consumidor. A Agência Nacional de Energia estima uma queda de até 4,4% nos preços da tarifa já no ano que vem. "O consumidor vai ser beneficiado no curto prazo, mas pagará um preço caro no futuro", alerta o presidente da Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica, Claudio Sales. Para ele, o preço pelo qual foi vendida a energia vai inviabilizar a construção de novas usinas e pode resultar em falta de energia ou demanda maior que a oferta, que resultará em disparada de preço. Dilma diz que a reclamação faz parte da típica choradeira empresarial, mas admite que espera um preço maior no futuro. "As pessoas precisam entender que havia excesso de oferta e isso é regra do mercado: oferta maior que demanda resulta em queda de preço", disse à DINHEIRO. "O objetivo do leilão era derrubar preços e essa meta foi atendida", disse à DINHEIRO, em tom de crítica, o presidente da Tractebel Energia, Manoel Zaroni. "A Tractebel é perigosa", rebate a ministra, que acusa o setor privado de ter provocado recuo maior que o esperado. A lista de insatisfeitos segue. Nela destacam-se a americana Duke Energy e Cesp, a geradora de energia em São Paulo. Para cada um a ministra tem uma resposta. "A Cesp não vai cobrir o seu endividamento com uma tarifa maior", dispara. A empresa tem uma dívida de U\$\$ 6,5 bilhões. "Quanto à Duke, ela apresentou os preços que estavam no seu planejamento, e que não fui eu quem fez", afirma. "Estão reclamando do quê"? A próxima rodada de leilões acontece no primeiro trimestre de 2005. Pelo jeito, novas e intensas disputas virão.